

O Gênero na Tradução do Gênesis

Luana Ferreira de Freitas
Universidade de Brasília

Este artigo utiliza passagens do Gênesis, selecionadas de Bíblias adaptadas para crianças, para discutir se a escolha por adaptações deve-se à necessidade de manipulação do discurso bíblico de forma diferenciada do discurso veiculado nas Bíblias tradicionais e também procura investigar até que ponto essas manipulações são análogas à ideologia bíblica.

This article uses some excerpts from the Genesis selected from adapted Bibles for children to discuss whether the choice for adaptations is due to the possibility the translator has to manipulate the biblical discourse differently from traditional Bibles and it also attempts to investigate whether her decisions are analogous with the biblical ideology.

Introdução

Neste trabalho, que é parte da minha dissertação de mestrado, objetivo o cotejo e a análise de trechos adaptados do Gênesis, mais especificamente os trechos relativos às duas versões para a criação e o pecado de cada personagem. Esse cotejo dar-se-á em Bíblias infantis em português.

Uma vez que visio, por meio de cotejo e análise, identificar as estratégias utilizadas pelos tradutores/adaptadores na produção de seus textos, os trechos selecionados salientarão as suas tomadas de decisão e o seu papel de reproduzidor ou não dos valores subjacentes ao discurso bíblico por encerrarem em si alguns juízos de valor determinantes no papel social e cultural desempenhado pela mulher até hoje. Busco evidenciar, quando da análise da adaptação, a fundamentação teórica na qual o tradutor/adaptador se apoiou na produção de seu texto e se novos valores textuais foram incorporados a partir das diferentes abordagens de um mesmo texto.

A Bíblia é um ponto de referência no mundo ocidental, sua ideologia permeia os ideais morais, intelectuais e espirituais, as atitudes e os juízos de valor, ainda que não reconhecidos como bíblicos, de homens e mulheres.

“A crítica histórica exclui o ambiente contemporâneo e não faz nenhum exame dos ininterruptos efeitos formativos da Bíblia. Ao adotar o método científico como chave para a busca da verdade histórica, a moderna erudição bíblica cumpre o desejo do Iluminismo de abolir de uma vez por todas a ambivalência e a incerteza, isolando efetivamente o texto e sua crítica do contexto cultural, dos valores e dos interesses do leitor “ (AICHELE et al., 2000: p.11)”.

A partir da tradução para o grego (Septuaginta) e para o latim (principalmente a Vulgata), a Bíblia passou a ser um texto acessível às pessoas comuns e não somente à Igreja. No século XV, com a invenção da imprensa, a Bíblia tornou-se mais que um livro antigo traduzido, já não era mais um texto estrangeiro, inatingível, e sim um texto acessível, familiar, uma fonte confiável de ensinamentos para a humanidade.

A sua influência não se limita à esfera religiosa, os valores e preceitos bíblicos permeiam o inconsciente mesmo daqueles que se vêm como incrédulos e que afirmam jamais terem lido as Escrituras.

Segundo Houtart (1994: p.30),

“... as representações (religiosas) têm um impacto sobre a maneira como as pessoas atuam e, de maneira consciente ou não, constroem, reproduzem ou transformam as estruturas da sociedade”.

Muitos, por exemplo, repetem ditados e reproduzem juízos de valor pregados pela Bíblia, desconhecendo de que se tratam, na verdade, de conceitos bíblicos arraigados na própria visão de mundo.

Para Houtart (1994: pp.30-31)

“Existe, por exemplo, uma representação sobre o caráter quase natural da divisão do trabalho entre homens e mulheres, ou entre classes sociais dirigentes ou subalternas, diferenças que são representadas como naturais, como evidentes, o que claramente possui um papel legitimador.”

Muitas pessoas acreditam que a Bíblia já perdeu muito da sua centralidade nos tempos modernos, no entanto as Escrituras perpassam ao longo dos séculos vários campos do conhecimento humano, como a música, a pintura, a poesia, a prosa, a arquitetura que não atingem somente judeus e cristãos, mas sim todo o mundo. Ademais, a Bíblia é o livro mais traduzido e adquirido em todo o mundo, o que a torna, no mínimo, um campo fértil para estudos e pesquisas.

Entretanto, apesar de todo o notório sucesso e influência da Bíblia, há vários aspectos ainda pouco explorados na academia.

Segundo Aichele (2000: p.12),

” o texto bíblico fornece elementos sobre a história, a linguagem, a retórica, o poder, como também, questões políticas (gênero, religião, raça, sexualidade, classe) que ocupam atualmente grande parte das discussões acadêmicas.”

Uma reflexão acadêmica a respeito da Bíblia, alerta para a diversidade e desmistificação de seus textos e para a atitude fossilizada relativa a sua recepção é primordial diante da crescente necessidade de leituras mais socialmente engajadas.

“... ao desafiar as interpretações tradicionais que reivindicam universalidade, integridade e supremacia sobre outras interpretações, as leituras pós-modernas demonstram que, em si mesmas, as interpretações tradicionais são representações de domínio, em termos mais simples, jogos de poder.” (AICHELE et al, 2000: p.12).

O recorte deste trabalho deu-se em virtude de um projeto de iniciação científica no qual traduzi e analisei *The Woman`s Bible* de Elizabeth Cady Stanton e suas colaboradoras, uma leitura subversiva proposta pelas autoras no final do século XIX. A oportunidade que tive de aliar as teorias de tradução e o papel socialmente relevante do tradutor à interpretação feminista das Escrituras alertou-me quanto à necessidade de fundamentar a minha presente pesquisa no colapso da noção de “centro” que incorpora e legitima leituras antes consideradas marginais, naquele caso a leitura feminista. Como, por exemplo, o histórico de submissão, culpa e vergonha do feminino enraizadas na figura de Eva que permeiam não apenas todo o texto bíblico bem como a consciência coletiva. Milne (2000: p.166) citou a esse respeito:

“De fato, Gênesis 2-3 permaneceu o principal fundamento para aqueles que acreditam que as mulheres são, por objetivo divino, inferiores aos homens e que, portanto, devem ser mantidas convenientemente subordinadas aos homens.”

A escolha pela adaptação justifica-se pela maior liberdade do tradutor ao lidar com um texto cuja forma e discurso adquiriram tanta autoridade que não é socialmente considerado um texto traduzido e, sim, um texto de natureza canônica e sacra e, portanto, não passível de atualização. A esse respeito Aichel e (2000: p. 11) comentou: “a negação da atualização histórica e lingüística do texto bíblico transforma-o em ‘fetiche’ e rotiniza a sua leitura.” No entanto, as adaptações bíblicas infantis são produzidas e consumidas em todo o mundo sem sofrerem limitações sociais ou institucionais, ou seja, o tradutor, no intuito de aproximar as Escrituras do seu público alvo, tem a liberdade de criar um novo texto.

O corpus selecionado para esse artigo é formado pela Bíblia das meninas e Bíblia dos meninos ambas editadas pela ----- em----- . Os trechos destacados para análise referem-se, segundo a própria autora, ao Gênesis capítulos 1, 2 e 3.

A Bíblia tem 66 livros em média. Na Bíblia para meninas e na Bíblia para meninos, o livro do Gênesis representa 20% das duas obras o que reflete a sua centralidade sócio-cultural no mundo ocidental. A esse respeito Brenner (2000: p.13) cita:

“os textos contidos no livro do Gênesis tradicionalmente têm sido e ainda são vistos como personificações de símbolos culturais. A atribuição de propriedades emblemáticas a eles facilitou sua utilização para fins religiosos, espirituais, culturais, sócioeconômicos e políticos”.

As duas Bíblias estruturam-se da seguinte maneira – a autora escolhe os capítulos e versículos a serem adaptados (ela não explica segundo quais critérios) e cria histórias fundamentadas nos trechos selecionados. Ao final de cada texto, a autora analisa os excertos escolhidos e sugere uma reflexão a fim de oferecer a mães e filhos ou filhas conselhos e tópicos para discussão, induzindo, dessa maneira, sua leitura e orientação ideológica, a qual reproduz o discurso bíblico no tocante ao processo de formação de identidade de gênero. Por exemplo,

no seu primeiro trecho adaptado, a autora sugere para discussão na Bíblia dos meninos o caráter e na Bíblia das meninas a aparência, ambas reflexões partem do mesmo trecho adaptado, a saber: Gn 2, 21-22. A seguir exponho a tabela com o resumo dos excertos adaptados para posterior análise:

EVA	BÍBLIA DAS MENINAS	BÍBLIA DOS MENINOS
1) CRIAÇÃO	Apenas a versão sexista. Adão criado antes que Eva . Eva como conseqüência da solidão de Adão. Eva é criada a partir da costela de Adão.	Apenas a versão sexista. Adão criado antes que Eva. Eva como conseqüência da solidão de Adão. Eva é criada a partir da costela de Adão.
2) PECADO	A serpente seduz Eva com o <u>sabor</u> da fruta e é pelo sabor que Eva a oferece a Adão. Adão não culpa Eva. Eva ao final consciente e arrependida. Deus conversa com Eva.	A serpente é omitida da narrativa. Eva seduz Adão com o <u>conhecimento</u> . Adão culpa Eva e a silencia perante Deus. Deus não conversa com Eva.

A ideologia da autora reflete-se não apenas nos fragmentos coletados, adaptados e comentados do seu texto como também, e talvez principalmente, nos trechos omitidos – como a primeira versão da criação de Adão e Eva (Gn 1,26-28), ou seja, a autora poderia ter optado pela versão politicamente correta na qual homem e mulher são criados simultaneamente, não obstante a autora opta pela versão institucionalmente pregada. Cabe ressaltar, também, que a opção da

autora em produzir Bíblias separadas por gênero já evidencia uma perspectiva sexista de posicionamento.

Pode-se observar a disparidade de enfoques ainda que abordem o mesmo trecho, como é o caso da narração do pecado. Assim sendo, a autora repete o discurso patriarcalista bíblico e, além disso, o torna acessível às crianças atualizando a sua linguagem.

“Trata-se, para utilizar as categorias da lingüística, da produção de um significante novo com um significado que continua sendo basicamente o mesmo.” (HOUTART, 1994: p.101).

Não há leitura descomprometida da Bíblia, qualquer leitura ou interpretação inclui uma determinada perspectiva ideológica, um viés. Entretanto, cabe ao tradutor reproduzir ou não o discurso sexista que permeia o texto bíblico. Aichele (2000: p.14) comenta:

“ Mas ler a Bíblia da maneira erudita tradicional significa com demasiada frequência lê-la, com ou sem intenção, de maneiras que reificam e ratificam o *status quo* – ao permitir a subjugação das mulheres (na Igreja, nos meios acadêmicos ou na sociedade em geral), justificar o colonialismo e a escravidão, racionalizar a homofobia ou legitimar de outro modo o poder de classes hegemônicas.”

Alguns tradutores bíblicos adotam uma postura de reverência em relação ao conteúdo e à forma dos textos, outros optam, como é o caso da tradutora em questão, por uma abordagem funcional, buscando aproximar o seu leitorado do texto fonte mantendo sua função primeira. A adaptação de Larsen é, pois, centrada no leitor. De acordo com Hatim e Mason (1990: p.17): no caso da tradução *reader-oriented* tanto a questão da autoria quanto a natureza do texto são centrais, porém a prioridade é dada à resposta de um determinado leitorado.

Dessa forma, a tradutora lança mão de um discurso voltado ao público infantil para assegurar o resultado pretendido sem abrir mão da função dogmática do texto de partida.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AICHELE, G. et al *A Bíblia pós-moderna*. São Paulo: Edições Loyola, 2000.

- BRENNER, A. et al *Gênesis a partir de uma leitura de gênero*. São Paulo: Paulinas, 2000.
- HATIM, B. e MASON, I. *Discourse and the translator*. Nova York: Longman, 1990.
- HOUTART, F. *Sociologia da religião*. São Paulo: Editora Ática, 1994.
- LARSEN, C. *A Bíblia das meninas*. São Paulo: Mundo Cristão, 1999.
- LARSEN, C. *A Bíblia dos meninos*. São Paulo: Mundo Cristão, 2000.